

Associação Portuguesa de Tripulantes de Cabine
Portuguese Cabin Crew Association



aptca

A voar ao teu lado

////////// **INQUÉRITO** //////////

RMAS-3 ANOS DEPOIS



Este questionário foi destinado a tripulantes de cabine que saíram da companhia aérea em 2021.

ÁREA DE PSICOLOGIA APTCA



COORDENADOR SÉRGIO SILVA

Índice

Mensagem da Direção da APTCA	3
Mensagem do coordenador da Área de Psicologia da APTCA	5
1. Dados demográficos	7
1.1 Género	7
1.2 Idades	8
2. Motivo da saída	9
3. Situação atual	10
4. Grau de satisfação com a saída	11
5. Se tivesses a oportunidade de voltar atrás, voltarias?	12
6. Saúde Mental	13
6.1 Ajuda psicológica e/ou psiquiátrica aquando da saída?	13
6.2 Se aquando da sua saída recorreu a ajuda psicológica e/ou psiquiátrica, ainda recorre?	13
6.3 Atualmente faz medicação?	14
6.4 Gostaria de ser contactado pela Área de Psicologia da APTCA?	14
7. Qualidade do sono	16
8. De que sente falta?	17
9. Considera que foi totalmente esclarecido aquando da sua saída por RMA?	19
9.1 Considera que deveriam ter tido mais apoio? Por parte de quem?	19
10. As “facilidades de passagens” deveriam ter prazo?	21
11. Conclusões	23-24

////////// RESULTADOS INQUÉRITO “RMAS - 3 ANOS DEPOIS”

Passados quatro anos do início da pandemia de COVID-19, ainda é tempo de deitar contas à vida e perceber que consequências ficaram desse momento único de crise no mundo e na aviação civil.

Perante este cenário, a APTCA quis acompanhar ainda mais de perto os tripulantes de cabine, ajudando-os a enfrentar e a superar as dificuldades que este período trouxe a todos.

Assim, aos mais isolados, conseguimos entregar bens essenciais, criámos o Cabin Crew Helpline, acompanhámos bem de perto aqueles que deixaram – de forma temporária ou definitiva - o mundo da aviação, dando-lhes a possibilidade de aderirem a um seguro de saúde de qualidade superior ou promovendo marcas ou projetos (p.e. Christmas Crew Market), fazendo assim face aos inevitáveis constrangimentos financeiros.

É agora o momento de perceber como estão os nossos, porque uma vez tripulante para sempre tripulante. Assim, a Área de Psicologia da APTCA – APA, que tem acompanhado de perto todos os que necessitaram, necessitam e possam vir a necessitar de apoio, quis conhecer a realidade dos nossos dias e, desta feita, realizou um inquérito junto dos tripulantes que passaram pelo processo de Rescisões por Mútuo Acordo (RMA).

Os resultados permitem agora à APTCA conhecer melhor a nossa realidade e hoje, como sempre, continuar a cuidar dos tripulantes de cabine.

Queremos agradecer a participação de todos os que investiram o seu tempo na resposta a este inquérito e reconhecer o empenho da APA na realização do mesmo.

A Direção da APTCA



////////// RESULTADOS INQUÉRITO “RMAS - 3 ANOS DEPOIS”

Caros colegas,

Três anos volvidos sobre as Rescisões por Mútuo Acordo (RMA), pareceu-nos importante perceber como estão os colegas que optaram por uma decisão que lhes impactou a vida para sempre.

Se é verdade que para alguns foi uma oportunidade de pôr fim a uma carreira e poder abraçar novos projetos de vida, para outros o desafio foi/tem sido maior por não verem satisfeitas as suas expectativas, quaisquer que fossem os seus propósitos.

Nesta altura, a maioria dos inquiridos transita de uma situação de desemprego de longa duração para a pré-reforma, com especificidades que cada um encontra perante a sua carreira contributiva, associadas às penalizações que a nova situação acarreta. Se para uns as penalizações eram esperadas e ponderadas, para outros nem tanto. Na diferença de interpretações cresceu o espaço para cada um se ver confortável na situação em que se encontra ou defraudado nas suas expectativas.

Este inquérito, confidencial e anónimo, visa conhecer e tratar os dados para melhor compreensão de como estes participantes se sentem e, naturalmente, oferecer o nosso apoio a quem o solicitar.

Sendo a saúde mental um tema que nos é tão caro, achamos que o processo de RMA, pela especificidade do momento em que aconteceu e pelo número de envolvidos, justifica este follow-up para podermos perceber como impactou, impacta e impactará a vida de quem saiu por esta via.

Agradecemos aos 122 participantes que possibilitaram a realização deste inquérito que nos permite perceber por onde e como estão. Queremos que saibam que a Área de Psicologia da APTCA - APA tem estado aqui, não esquecendo quem se viu confrontado com uma rescisão atípica.

Da nossa parte estaremos ao vosso dispor assumindo, como sempre, o compromisso de vos acompanhar com a máxima seriedade empenho e profissionalismo.

*Em nome de toda a equipa da Área de Psicologia da APTCA (APA),
Ao vosso dispor, Sérgio Silva Marques*

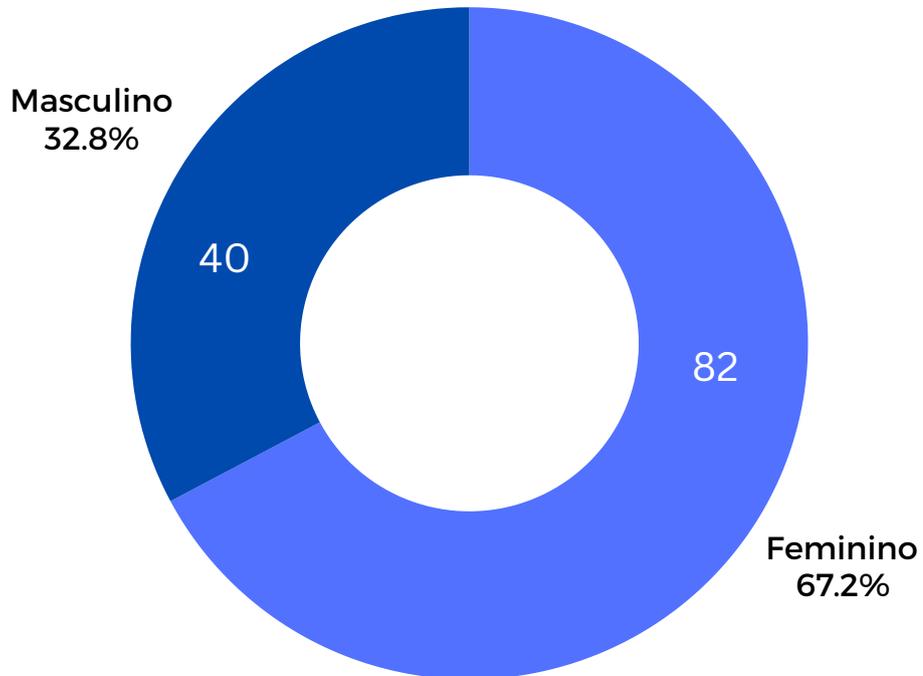
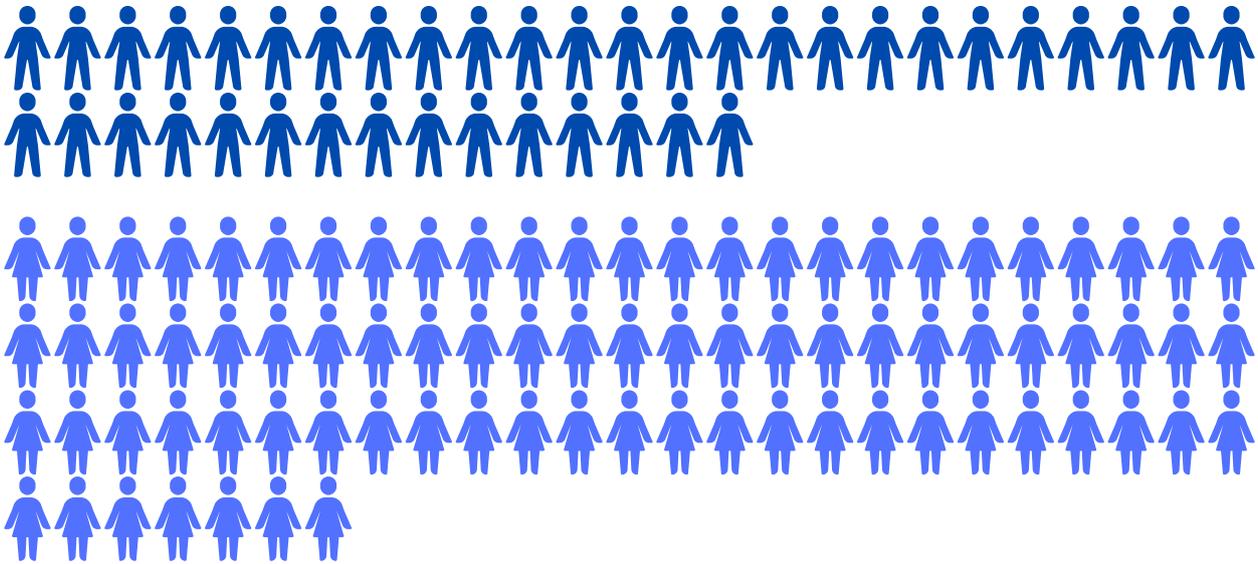
////// RESULTADOS INQUÉRITO “RMAS - 3 ANOS DEPOIS”



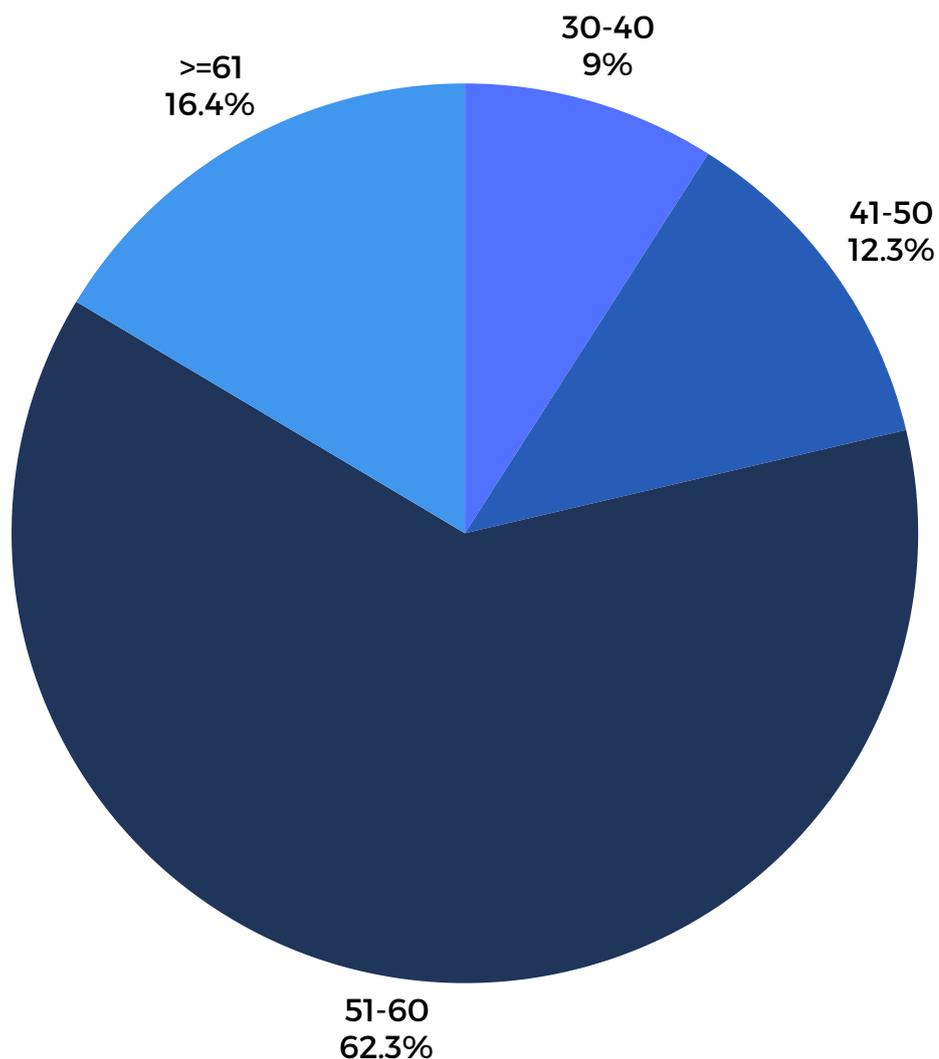
1. Dados demográficos

A amostra deste inquérito é de 122 participantes, distribuídos por 67,2% (sexo feminino) e 32,8% (sexo masculino).

1.1 Género

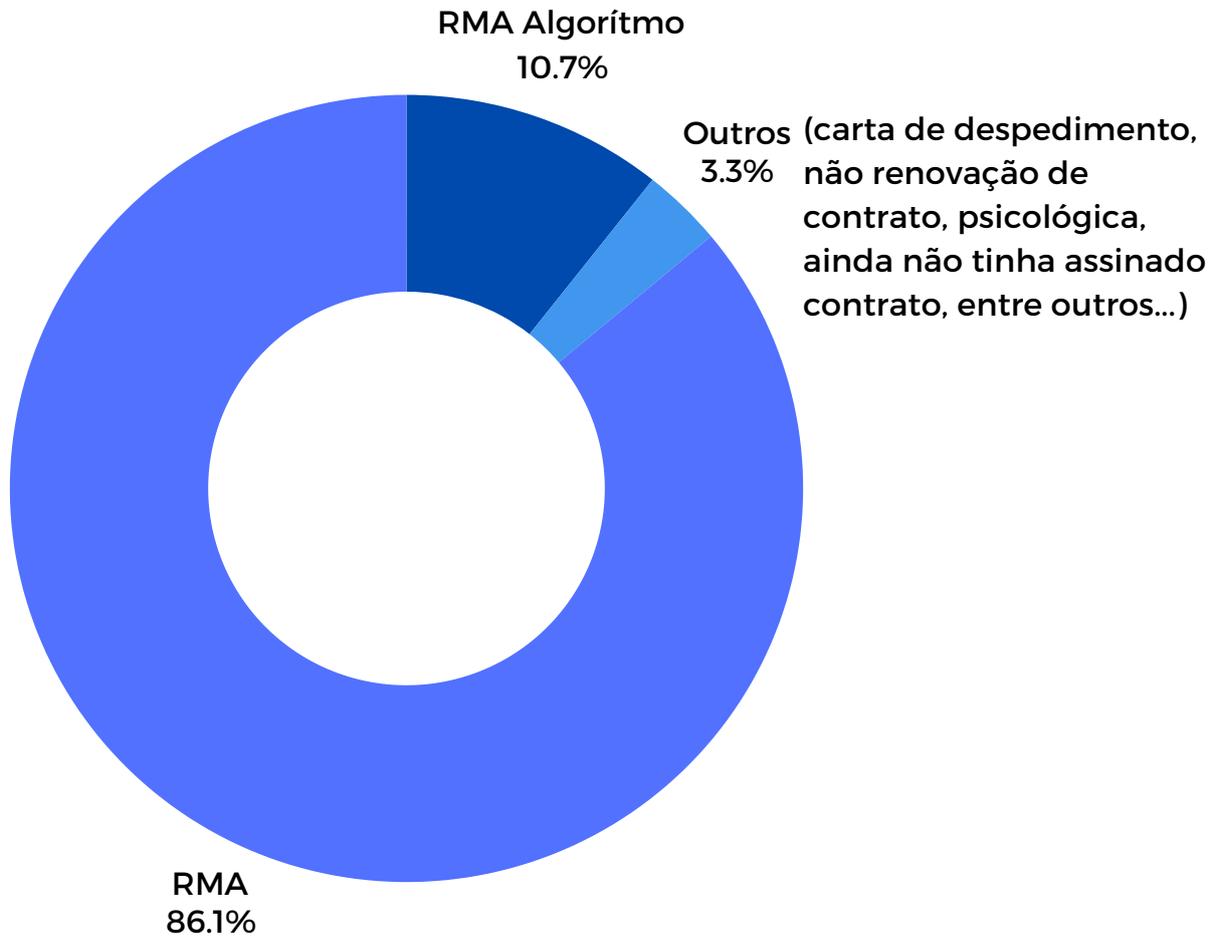


1.2 Idade



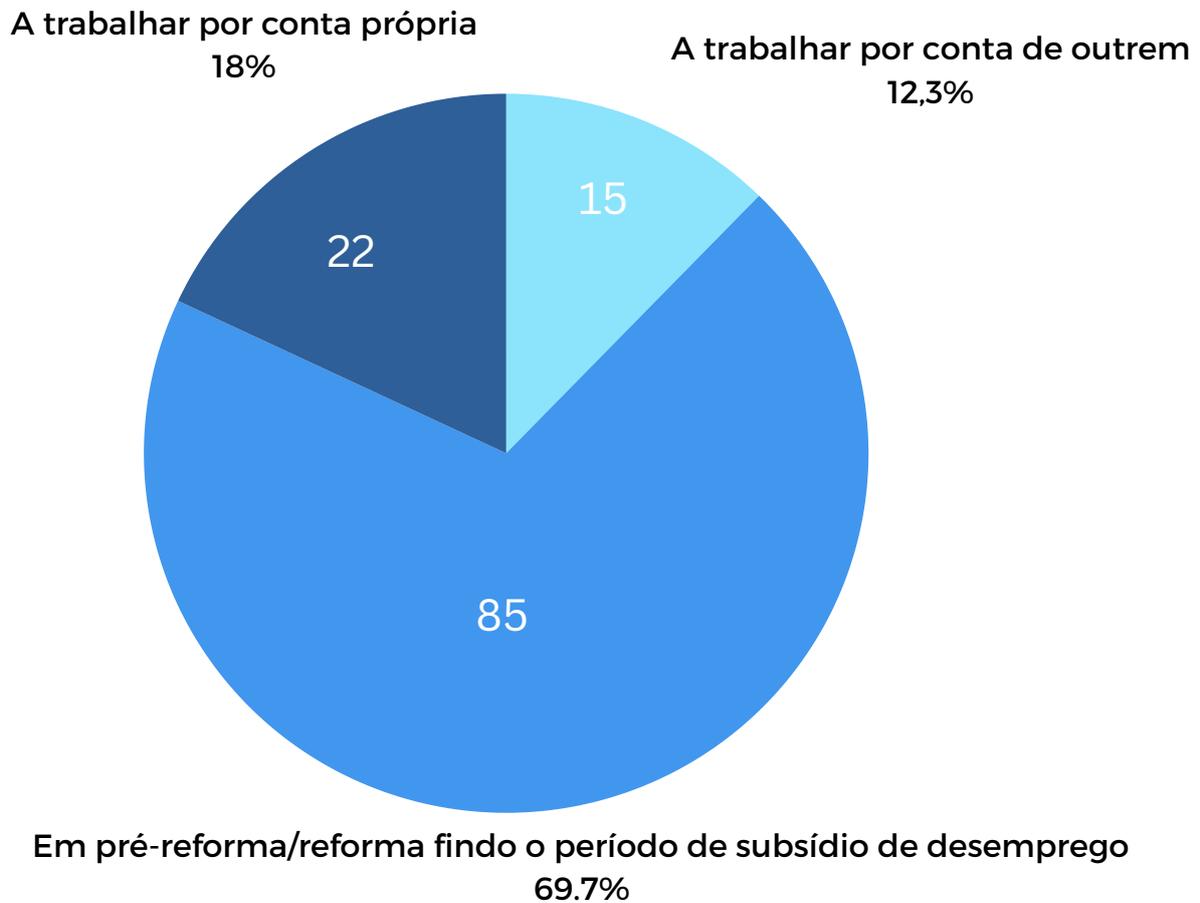
Analisando o gráfico, conseguimos facilmente perceber que a faixa etária prevalente é a dos [51-60] anos, correspondendo a um valor percentual de 62% da amostra, seguida dos [≥ 61] anos com 17%. A faixa etária com menor percentagem é a pertencente à faixa dos [30-40] anos. A média de idades ronda os 55 anos, sendo os 30 anos o valor menor e os de 72 o valor maior.

2. Motivo de saída



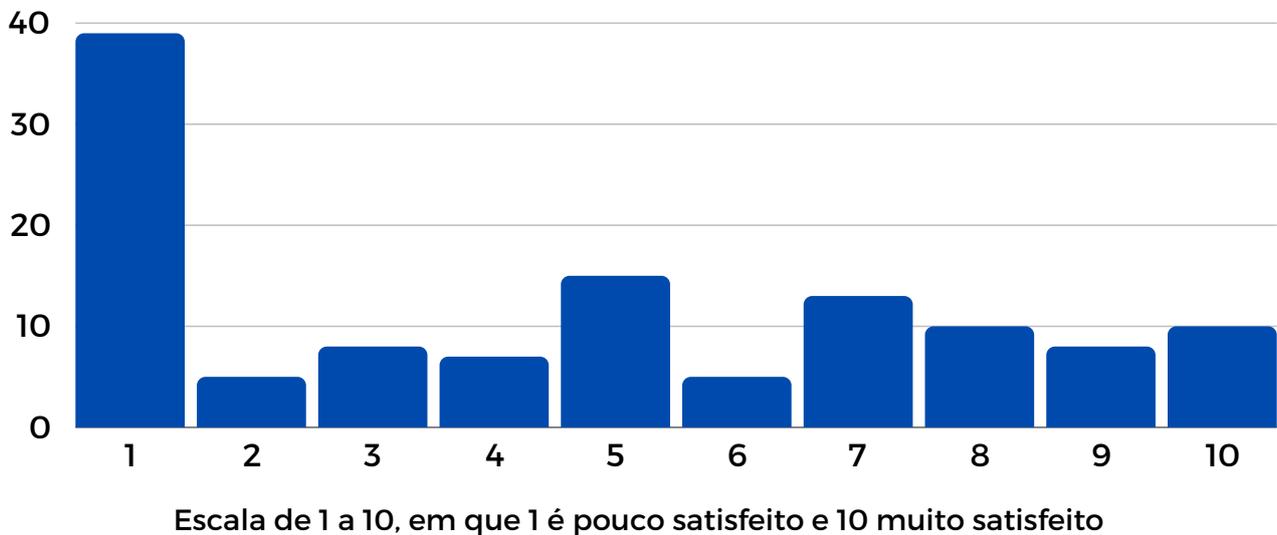
Olhando para o gráfico, concluímos cerca de 86% dos inquiridos saiu por RMA, ou seja, rescisão por mútuo acordo, sendo que quase 11% acabou por aceitar a referida rescisão porque fez parte do número de tripulantes que constavam no algoritmo que a companhia alegou como motivo para saída. Considerámos a “não renovação do contrato” e “motivos de ordem psicológica” no mesmo grupo dos RMA por algoritmo (correspondendo aos 3% que compõem a sectograma), uma vez que o enquadramento e razão de saída não se deu de forma voluntária, antes, porém, apresentada como saída ao abrigo do mesmo enquadramento que vigorou na altura.

3. Situação atual



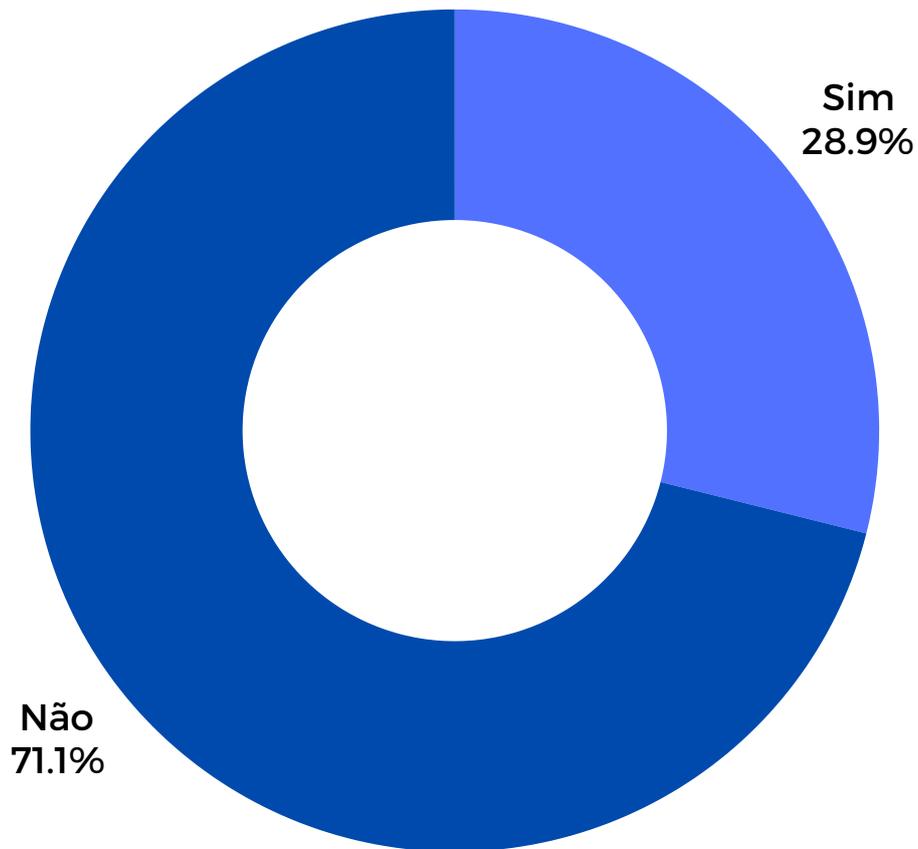
Analisando estes números poderemos verificar que a maioria dos rescindidos (70%) se encontra na situação de pré-reforma findo o período de subsídio de desemprego de longa duração. Decorridos três anos seria expectável que fosse esta a situação predominante até porque é esta condição mais favorável para determinar a saída da grande maioria que optaram pelo RMA. A menor fatia vai para os trabalhadores por conta de outrem (12%). Já 18% dos participantes encontra-se em situação de trabalhador por conta própria.

4. Grau de satisfação com a saída



Ao olhar para este histograma constatamos que a média dos inquiridos pontua o seu grau de satisfação em (4,58). O grau 1 (o menor possível) foi o que teve maior representatividade (32%), seguido do nível 5 (12%) e do nível 7 (11%). Cruzando os dados recolhidos, constata-se que todos os inquiridos que saíram por algoritmo (ou similar) pontuam com 1 o seu grau de satisfação, o que facilmente se compreende por não ter sido uma saída livre e espontânea. Ainda assim, atendendo a que o número de saídas por algoritmo corresponde a cerca de 11%, os restantes 21% que pontuam o menor grau possível da escala (1) são demonstrativos da insatisfação deste processo. Este desagrado pode dever-se a uma expectativa aquando da saída face à realidade, com questões de insatisfação no percurso de sua vida que de algum modo a profissão lhes conferia e/ou com fatores financeiros (uma vez entrados em situação de pré-reforma). Este último facto justifica também a elevada percentagem de inquiridos que considera não ter sido devidamente esclarecidos aquando da sua saída, como veremos mais à frente no gráfico referente a este tópico (pontos 9 e 9.1).

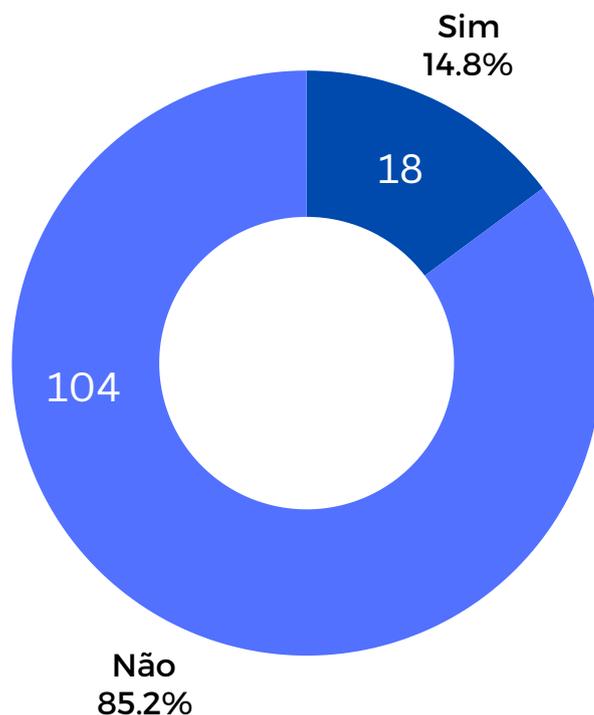
5. Se tivesse a oportunidade de voltar atrás, voltaria?



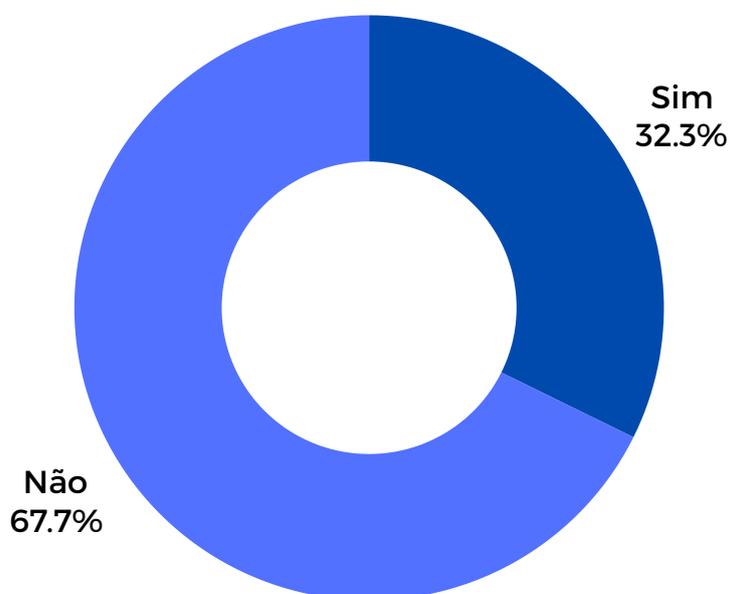
À questão, se “pudesse voltar atrás na decisão, voltaria?”, a grande maioria da amostra (71%) responde negativamente, no entanto, tal não significa que mesmo não revogando a sua decisão se encontram satisfeitos com a sua saída, contribuindo para a baixa média correspondente ao grau de satisfação na situação atual (ponto 4) e que conseqüentemente justifica o nível 1 (o mais baixo indicador de satisfação) com uma representatividade de 32%. Ao cruzar os dados com o motivo da saída constatamos que a quase totalidade dos participantes que responde afirmativamente à pergunta saiu por RMA/ algoritmo, revelando o desejo de voltar a trabalhar na companhia uma vez que a decisão de sair foi fruto do algoritmo e não iniciativa própria, havendo, portanto, um inconformismo latente perante tal situação.

6. Saúde mental

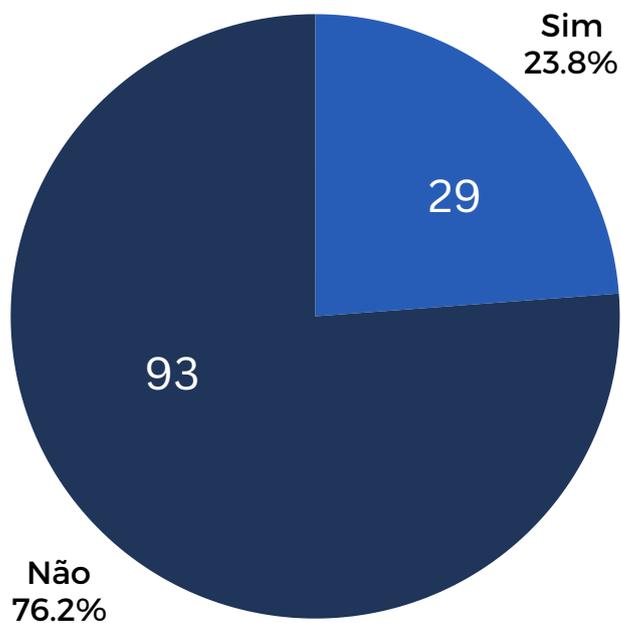
6.1 Ajuda psicológica e/ou psiquiátrica aquando da saída?



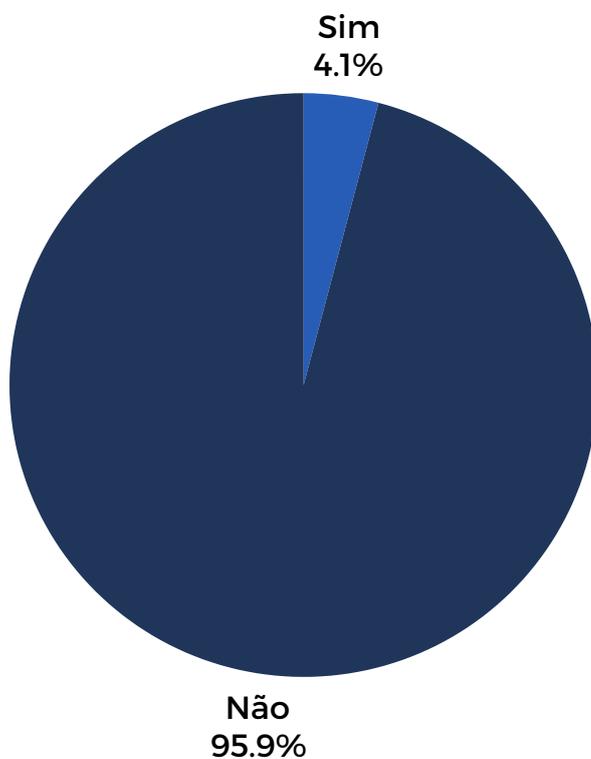
6.2 Se aquando da sua saída recorreu a ajuda psicológica e/ou psiquiátrica, ainda recorre?



6.3 Atualmente faz medicação?



6.4 Gostaria de ser contactado pela APA (área de psicologia da aptca)?



////////// RESULTADOS INQUÉRITO “RMAS - 3 ANOS DEPOIS”

No tópico da saúde mental, mais especificamente em relação à ajuda psicológica e/ou psiquiátrica, optámos por fazer a análise dos três setogramas em simultâneo (“se procurou ajuda aquando da saída? No caso de ter recorrido, se ainda recorre? E se atualmente faz algum tipo de medicação?”) para uma melhor perceção do tema.

Os dados demonstram que apenas cerca de 15% da amostra recorreu a ajuda psicológica e/ou psiquiátrica aquando da saída, revelando que a maioria (85%) não sentiu essa necessidade nesse momento quer por considerar que tinha as ferramentas para lidar com o desafio, quer porque podem não ter consciência de como impactou/impacta a sua vida.

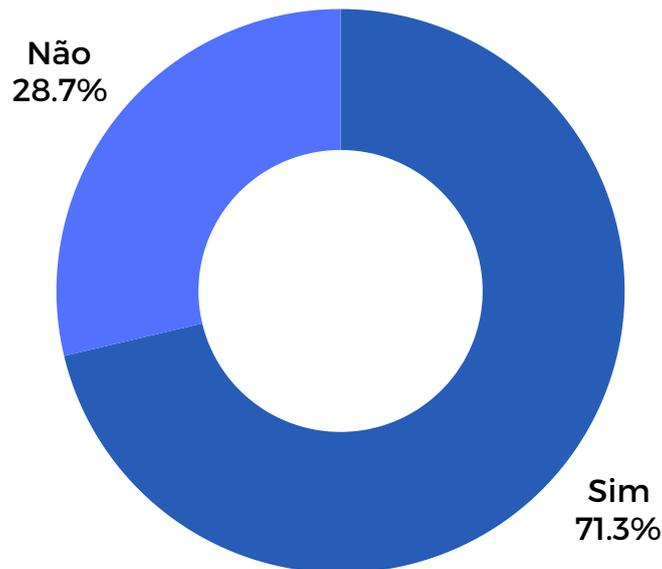
Dos participantes que recorreram a ajuda psicológica e/ou psiquiátrica, 32% continua a fazê-lo, contra 68% dos inquiridos que na altura recorreu a algum tipo de ajuda e neste momento já não o faz.

No que à medicação diz respeito, cerca de 24% responde positivamente à questão colocada, contra os cerca de 76% que não faz atualmente qualquer tipo de medicação.

Uma das questões colocadas no final do inquérito, foi “se desejavam ser contactados pela Área de Psicologia da APTCA (APA). 4% dos inquiridos respondeu afirmativamente e somente a estes foi solicitado forma de contacto.

7. Qualidade do sono

A qualidade do seu sono melhorou após a sua saída?

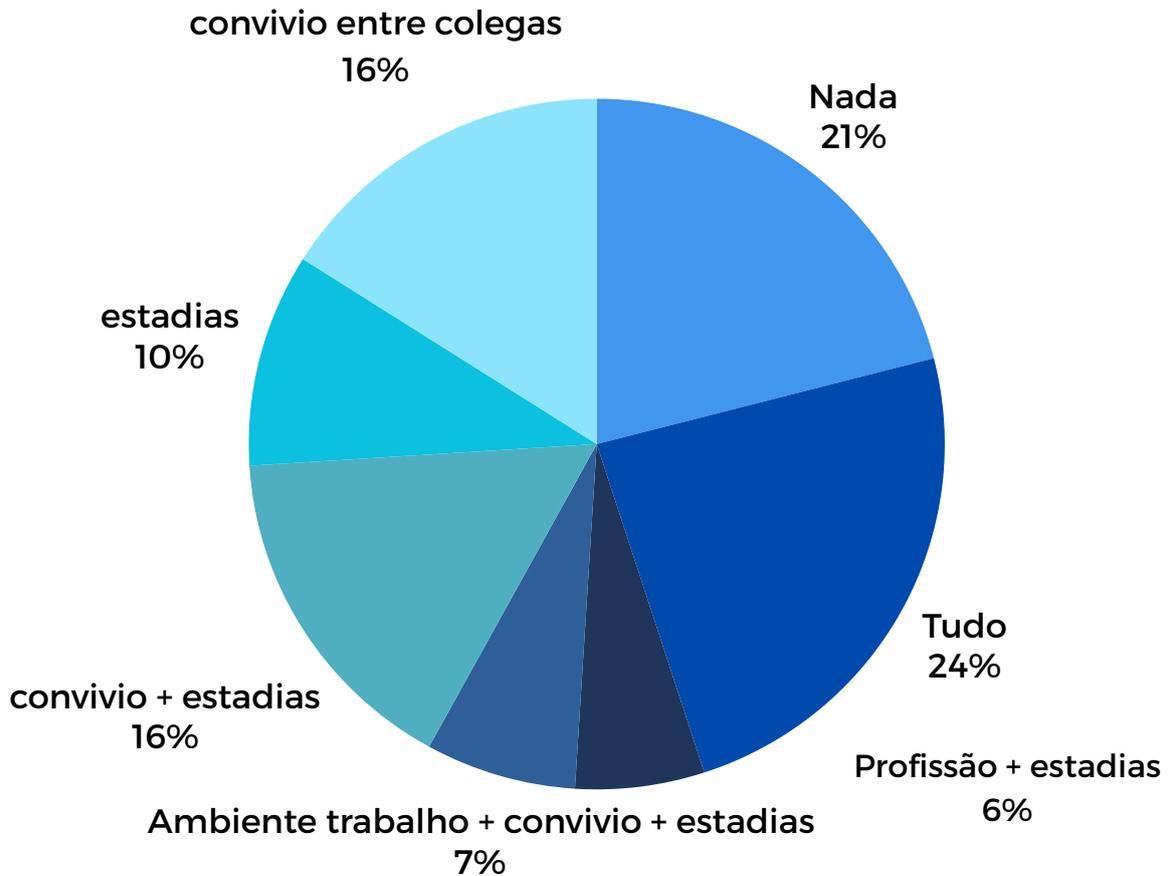


Verifica-se que a maioria dos participantes (71%) revela melhorias na qualidade do sono, o que facilmente se justifica com rotinas diárias e horários menos disruptivos para uma boa higiene do sono. Ainda assim, uma percentagem significativa (29%) continua a apresentar uma qualidade deficitária na qualidade do seu sono, indiciando deste modo que alguns dos danos provocados por horários irregulares durante anos, associados a alguns desafios que estejam a atravessar, continuam a impactar negativamente a qualidade do repouso.

Esta questão é ainda mais relevante no sentido de perceber até que ponto os efeitos continuados de horários disruptivos ficaram sanados, partindo do princípio de que passou a haver uma maior regularidade da higiene do sono, ou se por outro lado, apesar da saída e mesmo com horários mais rotineiros, decorridos três anos continua a ser motivo de uma pobre qualidade de repouso.

A qualidade do sono impacta diretamente a qualidade do nosso dia a dia e da nossa saúde mental e física, pelo que é importante encontrar estratégias mitigadoras que permitam uma melhor regulação do mesmo. Os psicofármacos podem fazer parte da medicação acima referida quando questionados sobre o tópico.

8. De que sente mais falta?



Os dados revelam que 29% dos inquiridos diz “sentir falta de tudo”, seguindo-se com 26% os que dizem “não sentir falta de nada” e com 20% os que revelam sentir mais falta do “convívio e das estadias”. Os restantes 25% dividem-se entre “convívio entre colegas”, “estadias e profissão em si”, sendo esta última fatia da setograma a menos representativa, mesmo estando emparelhada na categoria “profissão em si + estadias”, nunca tendo aparecido isolada nas respostas.

Uma primeira interpretação leva-nos a centrar em duas polaridades: “sentir falta de tudo” vs “não sentir falta de nada”. Acreditamos que esta última categoria tenha mais a ver com a relação com a empresa, até porque algumas destas respostas não surgem isoladas e foram selecionadas concomitantemente com outras opções, nomeadamente “convívio + estadias” e/ou “convívio entre colegas”.

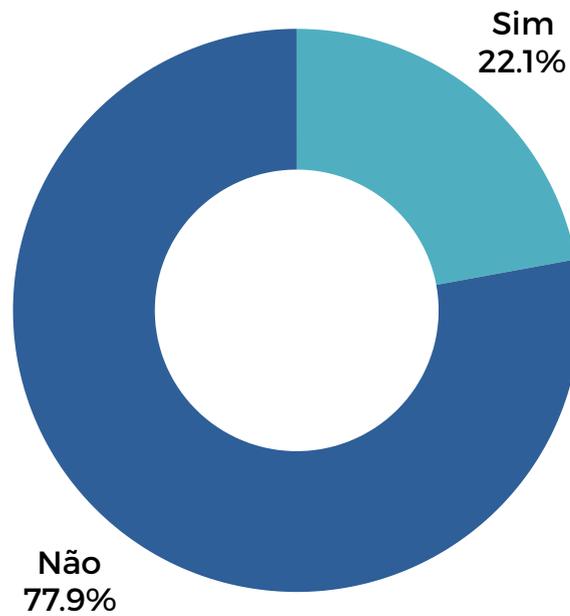
////////// RESULTADOS INQUÉRITO “RMAS - 3 ANOS DEPOIS”

Os participantes que mencionaram “sentir falta de tudo” verificamos serem os mesmos que responderam afirmativamente à possibilidade de voltar atrás na decisão (questão 5) e cujo grau de satisfação foi o menos pontuado (1 ou pouco mais – na pergunta 4), estando, pois, em concordância com o sentido da resposta. Estatisticamente estas três perguntas servem como perguntas teste, que permitem verificar se o sentido de uma determinada resposta está em concordância com as relacionadas.

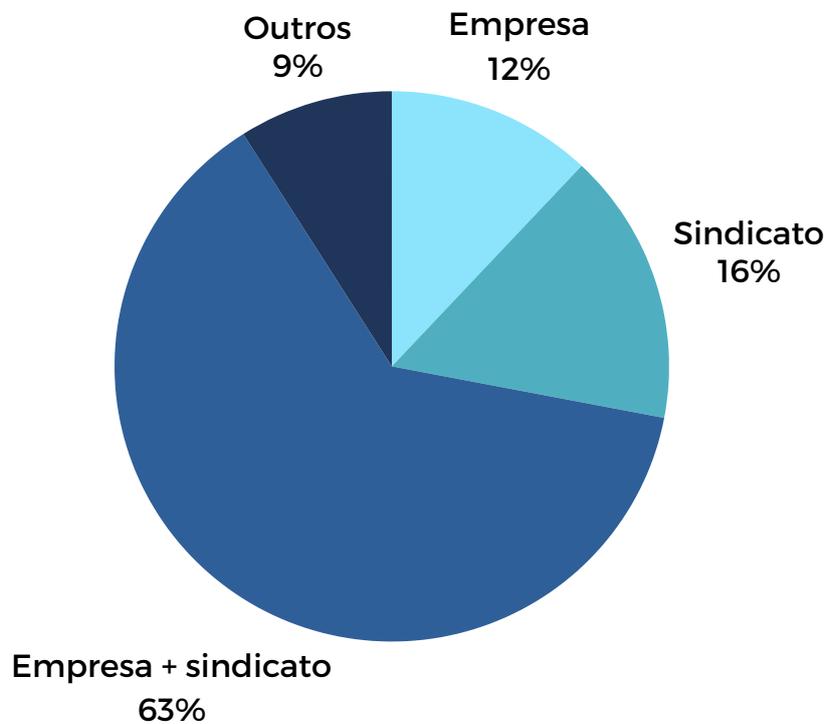
Importa realçar que a parte social é de extrema relevância, razão pela qual o “convívio entre colegas”, “estadias”, “ambiente de trabalho”, per se ou combinadas, acabam por ocupar a maior percentagem do gráfico. A profissão implica uma identificação com a companhia aérea sendo que alguns dos inquiridos, tendo ainda em conta o contexto do algoritmo, a valorizam com a opção “sentir falta de tudo” enquanto outros evidenciam toda uma dinâmica social que a profissão em si acarreta.

Em suma, a parte da componente humana e social tem, sem sombra de dúvida, maior expressão no que os tripulantes rescindidos dizem mais falta sentir.

9. Considera que foi totalmente esclarecido(a) aquando da sua saída por RMA?



9.1 Considera que deveriam ter tido mais apoio? Por parte de quem?

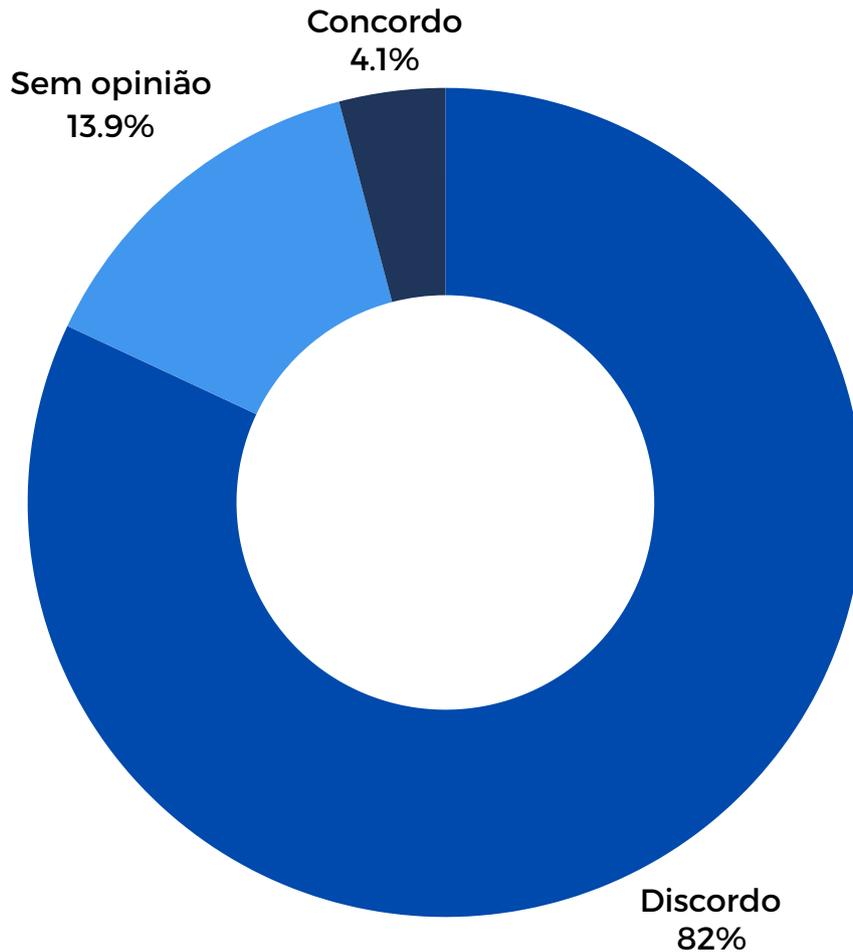


////////// RESULTADOS INQUÉRITO “RMAS - 3 ANOS DEPOIS”

Analisando os dois gráficos referentes aos esclarecimentos na ocasião da saída por RMA, 78% dos inquiridos considera não ter tido os esclarecimentos devidos durante o referido processo, sendo que 63% dos mesmos acham que deveriam ter tido maior apoio por parte da “empresa e sindicato”, 16% do “sindicato” e 12% da companhia. Os remanescentes 9% foram categorizados como “outros”.

Uma coisa é inegável, os participantes com uma representatividade de 78%, consideram não ter tido os devidos esclarecimentos atribuindo responsabilidades individuais ou partilhadas entre empresa e sindicato. Poderão ser vários os motivos para tal entendimento, mas acreditamos que a mudança de status de “desempregado de longa duração” para “pré-reformado” levou a que se deparassem com uma realidade que talvez não estivessem à espera, vendo goradas as expectativas que eventualmente tivessem sobre a mesma. Sendo que os principais intervenientes foram a companhia e o sindicato, não surpreende que a maior fatia da sectograma seja partilhada em conjunto por ambos no que toca à perceção de responsabilidades.

10. As “facilidades de passagens” deveriam ter prazo?



A grande maioria dos participantes (82%) considera que as facilidades de passagem não deveriam ter termo, ou seja, não deveria haver um limite máximo de anos para poderem ser usufruídas. Já 14% dos indivíduos não tem uma opinião formada a respeito e 4% considera justo haver restrição no número de anos em fazer uso deste tipo de passagens estando alinhados com o proposto pela empresa.



11. Conclusões

Em jeito de conclusão, verificamos que decorridos três anos do processo de RMA um grande número de inquiridos (70%) está em situação de pré-reforma, findo o desemprego de longa duração, vindo trazer alguns desafios nomeadamente no que respeita à perceção da situação económica e aos cortes aplicados a esta data. A ideia de que alguns cortes seriam momentâneos e que cessariam quando entrassem na idade legal da reforma não se concretizar pode trazer algum sentimento de descontentamento o que, possivelmente, justifica os 78% dos que julgam não ter tido os devidos esclarecimentos aquando da sua saída. Os inquiridos que saíram por via do algoritmo também partilham da mesma opinião (insatisfação), uma vez que foi esse processo os levou a tomar uma decisão que não foi de iniciativa própria, mas fruto das condições que passaram a estar em cima da mesa.

O grau de satisfação com a saída por RMA é muito baixo (4,58), sendo que o valor predominante de satisfação pontua como 1, sendo o valor mais elevado o de insatisfação (32%). O valor só não é mais baixo porque os níveis de 5 e 7 acabaram por atenuar esta tendência. Os participantes que pontuaram com 10, evidentemente organizaram a sua vida nestes três anos, podendo o mesmo indiciar que o RMA veio possibilitar um possível desejo que já tinham de sair e que aproveitaram essa oportunidade para o fazer. Não deixa de ser preocupante que um número expressivo de participantes indique o seu grau de insatisfação decorrido este tempo revelando que, provavelmente, a realidade ficou aquém das expectativas, quer seja por não se verem realizados nos novos planos de vida ou na própria ausência de planos que se materializou e que na verdade traz um sabor amargo neste momento. Não será de estranhar que quem saiu por algoritmo tenha pontuado com o nível mais baixo o seu grau de satisfação atual, revelando que de algum modo esta situação que não ficou sanada, razão pela qual a opção de poder “voltar atrás na decisão” vê a sua maior expressão nestes indivíduos. Os 29% que expressam a vontade de poder voltar atrás caso lhes fosse dada essa oportunidade indicam a falta de vontade de ter saído da empresa ou talvez nas condições impostas na altura.

Certo é que neste hiato de tempo muita coisa mudou e a urgência de uma medida tão drástica tomada há 3 anos, hoje, sem esse pressing temporal, vem trazer clareza e talvez uma outra ponderação. Ainda assim, 71% dos inquiridos não voltaria atrás na decisão, o que significa que mesmo confrontado as expectativas com a realidade não mudariam o sentido da decisão.

////////// RESULTADOS INQUÉRITO “RMAS - 3 ANOS DEPOIS”

Os inquiridos, na sua maioria, não recorreram na altura nem recorrem hoje a ajuda psicológica e/ou psiquiátrica e não pretendem ser contactados pela Área de Psicologia da APTCA (APA). De algum modo, encontraram ou foram encontrando estratégias adaptativas para lidar com estas mudanças na sua vida. Importa salientar que o inquérito é confidencial e anónimo, pedindo-se apenas uma forma de contacto para quem explicitamente tenha assinalado a opção de ser contactado e, deste modo, poderem ser acionados os mecanismos e protocolos estabelecidos através da APTCA. Ainda assim, 24% da amostra diz tomar algum tipo de medicação e, muito embora a pergunta venha na sequência de ajuda psicológica e ou psiquiátrica e de se ter dados alguns exemplos nesse sentido (ansiolíticos, antidepressivos, etc), não poderemos garantir com 100% de fiabilidade que quem respondeu afirmativamente se esteja a referir a medicação psiquiátrica, sendo que para tal a pergunta deveria ter sido formulada de outro modo.

Pela especificidade da profissão não é de estranhar que a componente social de “convívio com os colegas nas estadias” e até simplesmente as “estadias” tenham assumido maior expressividade no que os participantes sentem como maior perda. No entanto, haver apenas uma percentagem mínima residual que diz sentir “falta da profissão”, indicia de algum modo que pode existir um afastamento identitário, quer pela profissão em si, quer pela profissão associada à companhia aérea. Sendo esta uma pergunta de resposta múltipla, podendo até serem selecionados todos os campos, é curioso como a maioria das respostas se centraram quase exclusivamente na componente humana e social e quase nada na parte executiva, associada à profissão. Este fator demonstra que a profissão per se não tem o peso que provavelmente terá tido outrora, quer pelo desgaste da mesma ao longo dos anos, quer pela perda de uma identidade que lhe estava associada.

Para uma larga maioria de participantes a perceção de não terem tido os esclarecimentos e apoio necessários é bem evidente, atribuindo a falta dos mesmos à empresa e ao sindicato.

Certo é que para uma grande percentagem dos inquiridos este tema não ficou bem resolvido, razão pela qual reveriam as condições de saída ou até mesmo continuariam até hoje na empresa, caso lhes fosse dada esta oportunidade. Na verdade, o fator tempo foi das maiores condicionantes que implicaram uma tomada de decisão que só agora conseguem perspetivar de um lugar diferente sem a pressão da altura.



Contactos da Área de Psicologia da APTCA

Email: coordenador.psicologia.aptca@gmail.com

Telf. 913 725 993